

## Minha história no Museu do Ipiranga

Quando eu era criança achava que para poder visitar o museu do Ipiranga eu teria que cantar o hino nacional. Fazia parte do ingresso: “Ouviram do Ipiranga as margens plááááácidas...”!

Imaginava todos os estudantes uniformizados, em fila, esperando a vez para entrar. Na frente de uma suposta catraca podia-se cantar em voz alta ou baixa, fazendo gestos de regência ou travado. Tanto fazia. Mas tinha que cantar o hino todinho, sem trocar os versos de lugar e sem fazer aquelas rimas pobres que fazíamos, entredentes, ao cantar na frente da professora de OSPB.

Aliás, só crianças visitavam museus – tinham muito a aprender. O do Ipiranga, só crianças brasileiras. Tinha que chegar em excursões escolares, em ônibus enormes. O objetivo da visita era confirmar toda aquela estória que a professora contava em sala de aula e que mais parecia ficção de escritor muito inspirado, inventor de escravos, reis, imperadores, roupas cheias de saias e espartilhos sufocantes. Sem contar os estranhos utensílios domésticos e móveis com muitas voltinhas para acumular pó que diziam “ser da época”. Tudo viraria, enfim, **História**.

Tem múmia nesse museu?

Claro que não, menina!

Então não é museu!

Museu tinha que ter múmia, ossos de dinossauros, cheiro de tumba egípcia e salas geladas.

Fazer o que? Pega mal ficar doente bem em dia de excursão da escola.

Duas horas viajando e ouvindo as professoras acudirem os que vomitavam, levantavam de suas poltronas ou jogavam objetos nos colegas. Por mim, tudo bem. Fiquei olhando pelo portal que nos leva a misturar cenas e imaginar coisas como ursos e sorvetes em nuvens – janelas de meios de transporte são portais de entrada para mundos estranhíssimos, não são?

E ao chegar ao museu... Uauu! Aquele jardim de entrada já era lição suficiente a ser aprendida. Ficaria por ali mesmo. Mamãe disse que um dia esse museu chamou *Museu de História Natural*. Fazia sentido: apresentaria, também, a história da natureza, onde o sapo come a mosca e as abelhas polimerizam as plantas que dão flores e frutos e tudo vive em harmonia e equilíbrio. Lindo. Extraordinário o jardim.

Mas a professora não deixou que eu ficasse por lá. Numa outra ocasião visitaríamos algum lugar do tipo, argumentou.

Ok. E lá vou eu para a fila de cantar o hino para poder entrar. Tento lembrar a letra toda. Fico preocupada se vou desafinar. Queria caprichar. Mas alguém manda a fila andar rápido. Manda correr. Manda parar. Manda nos recompormos – meias brancas descidas até as canelas, cabelos na boca, saias voando.

Entramos sem a parte do ingresso que eu mais temia! Sem o canto do hino, sem guardinha, sem chamada oral: data do fico?! data da independência?! Foi fácil!!

O lugar é tão lindo, imponente, grande, cheio de quadros e coisas a serem vistas, que faço o sinal da cruz e a professora que vê pergunta se estou com medo.

Não era medo. Era sagrado! Mas deixa para lá. Quero ver tudo. Fila andando.

E apesar das explicações de que aquelas belezuras todas eram de nosso passado, saio da visita com a sensação de familiaridade.

Mamãe tem um canto na sala de casa com um monte de objetos que vi no museu.

Minha casa é um museu?! Volto com a pergunta na ponta da língua.

Mas mamãe aproveitara aquele dia de menos crianças em casa e havia feito uma “reforma” na sala.

Objetos modernos, móveis com designs arrojados e cores vibrantes substituíam o canto de prateleiras de madeira escura e o ferro que precisava de brasa, o moedor, a panela de barro e a de ferro, a peneira.

Diante da decepção com a mudança, mamãe explica que é por isso que temos museus: para preservar a memória. Nossa casa não era museu.

Acuso meus pais de tolos porque pararam de preservar a memória da família. Afinal, aqueles objetos foram usados pelas avós e bisavós - sempre era lembrada disso quando queria mexer nos objetos.

Ok. O museu preserva. Mamãe vai vivendo e se atualizando. Entendi.

Existe museu de coisas modernas? Arte moderna? Museu de ciência?

Existem!

Podemos ir? A escola vai levar? Quando?

Não entendi a piscadela de papai para mamãe, mas acho que era coisa boa porque sorriam.